

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL

GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

POLIANA DE ALCANTARA RIBEIRO

Plataforma Digital de Gestão Cultural Biointerativa para Grandes Eventos.

Orientador: Prof.Dr. Luiz Augusto F. Rodrigues

Niterói,  
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

POLIANA DE ALCANTARA RIBEIRO

**Plataforma Digital de Gestão Cultural Biinterativa para Grandes Eventos.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel.

Trabalho apresentado em 30 de agosto de 2024

BANCA AVALIADORA:

Orientador: Prof. Dr. Luiz Augusto F. Rodrigues (Presidente)

Isabela Machado, UFF-PPCULT

Marcele Oliveira

Niterói

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

POLIANA DE ALCANTARA RIBEIRO

**Plataforma Digital de Gestão Cultural Biinterativa para Grandes Eventos.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Augusto F. Rodrigues

Niterói

2024

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

R484p Ribeiro, Poliana de Alcantara Ribeiro  
Plataforma digital de gestão cultural biointerativa /  
Poliana de Alcantara Ribeiro Ribeiro. - 2024.  
34 f.: il.

Orientador: Luiz Augusto Rodrigues Rodrigues.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade  
Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social,  
Niterói, 2024.

1. Biointeração. 2. Gestão Cultural. 3. Plataforma  
digital. 4. Eventos. 5. Produção intelectual. I. Rodrigues,  
Luiz Augusto Rodrigues, orientador. II. Universidade Federal  
Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III.  
Título.

CDD - XXX



COORDENAÇÃO DE  
PRODUÇÃO CULTURAL



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

## ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao dia **trinta de agosto do ano de dois mil e vinte quatro**, às **dezesseis horas**, realizou-se de forma remota (online), em conformidade com resoluções do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Fluminense - CEPEX/UFF no 637/2022 e 1.59/2022 - a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado **Plataforma Digital de Gestão Cultural Biointerativa para Grandes Eventos.**, apresentado por **Poliana de Alcantara Ribeiro**, matrícula **119033029**, sob orientação do(a) **Dr. Luiz Augusto F. Rodrigues**. A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

- 1º Membro (Orientador(a)/Presidente): **Dr. Luiz Augusto F. Rodrigues**  
2º Membro: **Bela. Isadora Machado**  
3º Membro: **Bela. Marcele Oliveira**

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

Aprovado

Reprovado

**Com nota final após arguição: 10,0 (dez)**

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:

---

**Dr. Luiz Augusto F. Rodrigues**  
Presidente da Banca

## **Agradecimentos**

Antes de tudo, gostaria de agradecer a minha vó Leny, que me ensinou o que é biointegração antes mesmo que eu pudesse conhecer Antônio Bispo e foi a maior inspiração para esse trabalho.

A minha Mãe Luiza, que lutou muito para me dar todo apoio e amor necessário para que eu pudesse chegar até aqui.

A minha Tia Lilian, por ser uma referência e um suporte tão importante nessa caminhada.

A minha prima Nathália, por ser companheira desde sempre. Tudo é muito mais leve com você.

A minha namorada Cecília, por não me deixar desistir e me dar todo o suporte para concluir esse trabalho. Obrigada por sempre acreditar em mim.

A minha família, por ser minha base e meu aconchego.

Aos meus amigos, por tornarem a experiência da faculdade mil vezes melhor. Obrigada por cada momento.

Agradeço ao meu Orientador Luiz Augusto, por acreditar no meu projeto dar todo suporte na elaboração do trabalho.

Por fim, agradeço aos membros da minha banca, Marcele Oliveira e Isadora Machado, foi muito importante ter uma banca formada por duas mulheres pretas que eu admiro tanto.

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>pág. 5</b>
<b>Raízes.....</b>	<b>pág. 8</b>
<b>Racismo Ambiental e o Mito da Sustentabilidade.....</b>	<b>pág. 9</b>
<b>3.1 Desequilíbrios no Brasil.....</b>	<b>pág. 9</b>
<b>3.2 Desequilíbrios no Mundo.....</b>	<b>pág. 13</b>
<b>3.3 O Campo Cultural.....</b>	<b>pág. 15</b>
<b>Gestão Cultural Biointerativa.....</b>	<b>pág. 20</b>
<b>Conclusão.....</b>	<b>pág. 21</b>
<b>Referências.....</b>	<b>pág. 25</b>
<b>O Projeto.....</b>	<b>pág. 28</b>

## 1. Introdução

O presente projeto consiste em um trabalho de conclusão do curso de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense. O trabalho segue um modelo projetual, apresentando uma proposta de criação de uma plataforma digital de Gestão Cultural Biointerativa para Grandes Eventos.

A ideia de desenvolver um material educativo que relacionasse gestão cultural e meio ambiente surgiu após muita inquietação e indecisão. O início dessa jornada se deu anos atrás, quando percebi uma incoerência em meus próprios posicionamentos.

Durante toda a minha infância, estudei em colégio particulares de rede, que costumam reproduzir um método educacional engessado e que pouco estimula o pensamento crítico. Vale ressaltar que sempre fui uma criança extrovertida, questionadora e proativa, mas nesses colégios, tudo isso era apagado por uma imensa vontade de tentar me encaixar em grupos e pessoas que em nada pareciam comigo.

Na época da minha adolescência, logo que entrei para o ensino médio, mudei para um colégio menor da minha cidade, que propunha uma outra metodologia educativa. Nesse contexto, tive meus primeiros contatos pungentes com questões políticas e sociais, buscando me aprofundar em tais temáticas, desenvolver mais consciência e posicionamento. Considero que meu primeiro envolvimento marcante com uma causa social, foi com o feminismo e me senti exatamente como Bell Hooks define no livro “Eu Não Sou Uma Mulher? Mulheres Negras e Feminismo”.

Assim como me rebelei contra as noções sexistas do lugar da mulher, desafiei as noções de lugar e identidade da mulher dentro dos círculos do movimento de libertação da mulher; não consegui encontrar meu lugar dentro do movimento. Minha experiência como jovem negra não era reconhecida. Minha voz, assim como a de mulheres como eu, não era ouvida. Sobretudo, o movimento mostrou como eu me conhecia pouco e também como conhecia pouco meu espaço na sociedade.. (HOOKS, 1981, p.11).

Ao mesmo tempo que comecei a estudar e entender melhor o movimento feminista, comecei a descobrir o que realmente significa ser uma mulher preta, mas esse foi só o início de um processo que se perpetuou por anos. Ouso dizer, inclusive, que ainda não acabou. Como mulher negra e posteriormente me entendendo, ainda, como bissexual, minha própria existência no contexto social que me encontro, é, definitivamente, um ato político. E, é claro, tudo isso foi me atravessando de diversas formas ao longo dos anos.

Ainda durante esse meu processo de descobertas na adolescência, encontrei através do YouTube, os vídeos da comunicadora Nataly Neri, uma cientista social que atualmente é conhecida por seus conteúdos que abordam a busca por uma “vida com autonomia e intenção”, como ela mesma gosta de definir. Tratando de assuntos como sustentabilidade, moda de brechó e veganismo, ela é uma criadora de conteúdo digital que se tornou referência e que trás uma grande representatividade negra para este nicho. Pode-se dizer, inclusive, que ela ocupa esse papel representativo em um contexto mais geral de “influenciadores digitais”, como criadora de conteúdo negra pioneira na plataforma a nível nacional. Porém, quando tive meu primeiro contato com os vídeos da Nataly, ela tinha números consideravelmente menos expressivos do que nos dias atuais e ainda estava no início da faculdade. Os vídeos criados por ela e postados em seu canal, denominado à época “Afros e afins” eram, em sua maioria, sobre negritude. Acompanhando há um considerável tempo o canal da Nataly, ficou evidente para mim a mudança gradual de seu conteúdo em um dado momento. Outros assuntos passaram a ser abordados, em um movimento natural da comunicadora em falar também sobre outros temas que a interessavam e faziam parte da sua vida, como o veganismo e moda sustentável. Como uma adolescente e então jovem adulta que amadureceu em diversas questões, dialogando na minha vida pessoal diretamente com o que eu acompanhava no canal da Nataly, uma grande referência para mim neste processo de descobertas, um questionamento preencheu um grande espaço na minha cabeça: De que adianta me envolver profundamente em questões sociais e nunca nem olhar para o meio ambiente, uma vez que sem ele de nada adiantam nossas lutas?

Comecei a questionar em minhas vivências e a mim mesma, como poderia haver essa lacuna no meu olhar para com a sociedade, a humanidade

e o meio ambiente? Como eu, futura produtora cultural, que sempre acreditei na cultura como caminho para dirimir essas diferenças sociais, poderia me ausentar de tais discussões e me afastar dessa realidade latente a todos nós, seres vivos? Logo eu, nascida em cidade pequena, criada na praia de Ponta Negra, extremo leste de Maricá. Logo eu que durante toda a minha vida usufruí do bem que o contato com a natureza faz, esqueci que toda relação é uma troca e que a terra e a água que tanto me cuidaram também precisam de cuidado.

Ao me debruçar sobre o tema e incorporar o comprometimento necessário para desfazer essa incoerência de convicções em que me encontrei, entendi que na verdade as questões ambientais são um problema político e social construído pelos mesmos alçozes dos meus ancestrais. E aí cresceu ainda mais a vontade de fazer algo a respeito. O projeto busca ser um catalisador e conector de produções, produtores e profissionais da cultura que buscam olhar de forma mais respeitosa para o ambiente e que não têm um acesso simplificado a esse tipo de informação ou estratégias para diminuir seus impactos negativos.

Dito isso, nos próximos capítulos, exploraremos mais profundamente as raízes desse pensamento, abordando o conceito de Gestão Cultural e Biointeratividade, bem como a união desses saberes. O projeto concentra-se em grandes eventos, pois como proponente, minha estratégia é focar em ações em larga escala, em eventos que têm um impacto ambiental significativo mas, ao mesmo tempo, uma maior capacidade de promover conscientização.

A exemplo do acima exposto, O Rock in Rio, um dos maiores festivais de música do mundo. De acordo com o G1(2022), o festival reuniu cerca 700 mil pessoas em sua última edição. Com esta enorme audiência, vem a responsabilidade de gerenciar o clima e o solo, lidar com todos os resíduos gerados e suprir a necessidade altíssima de energia para manter 8 palcos funcionando - às vezes simultaneamente - durante cerca de 507 horas de evento, além de toda a estrutura da “Cidade do Rock”, incluindo praças de alimentação, estruturas de banheiro, brinquedos de parque de diversão, dentre outras diversas atrações. Grandes eventos têm uma grande responsabilidade, mas também uma grande potência de mudança.

De acordo com Vich (2015), a cultura é uma ferramenta poderosa para a

transformação social a partir do momento em que deixamos de enxergá-la como algo autônomo e nos propomos a desculturalizar a cultura.

A proposta de desculturalizar a cultura implica então em arrancar a cultura de sua suposta autonomia e utilizá-la como recurso para intervir na transformação social. As políticas culturais atuais devem posicionar-se, acima de tudo, como agentes críticos da modernidade que Walter Benjamin figurou como um pavio aceso (VICH, 2015, p. 14).

Este projeto reconhece seu valor ao buscar ampliar seu potencial através da informação. Tendo isso em vista, a Plataforma Digital de Gestão Cultural Biointerativa para Grandes Eventos que proponho, tem o objetivo de causar um impacto positivo no meio ambiente e na sociedade.

## **2. Raízes**

O quintal da minha avó é um ecossistema próprio. Ela ama e cuida de cada planta e sente falta quando está longe. Ela não gosta que podem as plantas e quando alguém se atreve a arrancar alguma, ela esbraveja pro vento e quando ninguém está vendo, planta de novo. Aprendi com ela que quando acabamos de plantar uma mudinha ou uma semente não basta só regar, é preciso dar muita atenção e amor para que ela cresça.

Minha mãe sabe falar com a lua. Perdi as contas de quantas vezes a vi na janela fazendo um pedido. Aprendi com ela a andar olhando para o céu, a deitar no quintal e contar as estrelas, mas sem apontar.

Minha tia é filha do mar. Foi ela que sempre me levou na água quando íamos à praia, me mostrava como estava a maré e como evitar as valas. Aprendi com ela que um mergulho cura tanta coisa.

Sempre que pode, minha sogra corre para a janela para assistir o pôr do sol e assim que ele acaba, ela atravessa a casa para ver a lua nascendo da sacada. Aprendi com ela que quando a sala está toda tomada por uma luz alaranjada é porque o pôr do sol vai ser daqueles.

Antes mesmo de conhecer o termo Biointeração, proposto por Antonio Bispo, aprendi seu verdadeiro significado com essas mulheres, que me

ensinaram que a natureza faz parte de nós, assim como nós fazemos parte dela. Mesmo vivendo em meio ao asfalto, nunca me esqueço disso.

Krenak diz no livro *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*:

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso — enquanto seu lobo não vem —, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. (KRENAK, 2019, p. 19).

A colonização trouxe a ideia de “humanidade” para apagar a ancestralidade, daqueles considerados selvagens e envenenou nossa relação com a terra. É aí que está a raiz do problema.

Diante dessa constatação, surgiu a motivação para contribuir efetivamente na mudança desse cenário, desenvolvendo um material didático, dinâmico e acessível que pense a Gestão Cultural pensando a Biointeração.

### **3. Racismo ambiental e o Mito da Sustentabilidade**

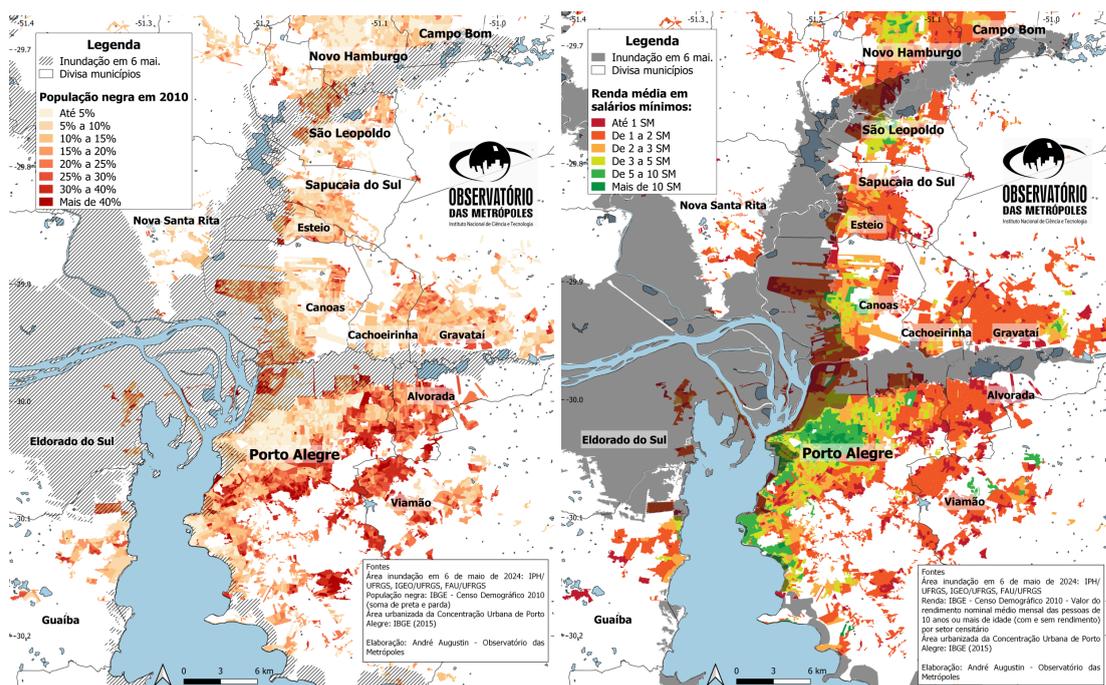
#### **3.1 Desequilíbrios Brasil**

A situação ambiental do planeta é alarmante, de acordo com o R6, relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) de 2022. Neste relatório, cientistas afirmaram que a maior parte do aquecimento global foi causada pelo ser humano. O documento estimou que, desde a primeira era industrial, o mundo esquentou cerca de 1,09°C, sendo que apenas 0,02°C foram atribuídos a causas naturais. Isso significa que os humanos causaram 1,07°C do aquecimento global e que agora é preciso impedir que esse número passe de 1,50°C. Porém, até então tudo indica que o planeta ultrapassará esse limite, o que explica os eventos climáticos extremos que estão acontecendo mundialmente.

As consequências desse cenário, construído pelo descaso e falta de responsabilidade das autoridades governamentais (o que leva parte da população tenha o mesmo descaso e desrespeito com o meio ambiente), estão

sendo vistas com cada vez mais frequência e gerando situações cada vez mais catastróficas e alarmantes. No Brasil, tivemos, em abril deste ano (2024), uma tremenda tragédia climática, onde cerca de 90% das cidades do Rio Grande do Sul sofreram impactos causados pelas fortes chuvas. No dia 11 de maio, o portal G1(2024) apontou que o estado ultrapassou a marca de 2 milhões de pessoas afetadas, em 446 municípios. Os números oficiais mostravam que 537 mil pessoas tiveram que deixar suas casas e pouco mais de 81 mil estavam alojadas em abrigos. Apesar da maior parte do Estado ter sido afetada pelas enchentes, uma pesquisa feita pelo Observatório das Metrópoles(2024) do INCT (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia) aponta que as áreas mais atingidas são as mais pobres e possuem uma grande população negra, inclusive maior do que a média dos municípios. No Vale do Sinos, em São Leopoldo, por exemplo, um dos bairros mais afetados foi o Santos Dumont e, em Novo Hamburgo, o bairro Santo Afonso, ambos com maior proporção de população negra. Ou seja, mesmo com o Estado tendo sofrido, como um todo, impactos inestimáveis, quem mais sofre as consequências de tudo isso é a população negra.

Os mapas a seguir evidenciam o acima exposto, relacionando as áreas alagadas na região metropolitana de Porto Alegre e a renda média em salários mínimos e a composição étnico-racial dos territórios.



Fonte: Observatório das Metrópoles Acesso em:  
<https://www.observatoriodasmetrolopes.net.br/nucleo-porto-alegre-analisa-os-impactos-das-enchentes-na-populacao-pobre-e-negra-do-rio-grande-do-sul/>

Apesar de chamarmos de tragédia ambiental, esse acontecimento é uma consequência de ações humanas. A problemática começou a ser construída há centenas de anos. Desde a invasão dos Europeus em 1.500, o Brasil sofre com uma sequência de processos de desterritorialização e terricídios, termo criado por Ailton Krenak para definir o genocídio da terra. A colonização traz consigo a destruição de terras indígenas, muito além da apropriação e/ou destruição de um espaço físico, o terricídio coloca em risco suas identidades, expressões culturais e relações espirituais com a terra. Nesse sentido, é preciso entender que territórios possuem tanto a dimensão material, que se trata não só dos aspectos e relações físicas como também das práticas culturais, sociais e econômicas desenvolvidas sobre a terra, quanto uma dimensão corpórea que diz respeito ao corpo terra, que interage e cria relações e vivências com/entre seres vivos. Esse processo também afetou os povos negros que, além de terem sido retirados de seus territórios e trazidos para o Brasil, sofreram um novo processo de desterritorialização em 1888, quando foram jogados para as margens das cidades e da sociedade.

A abolição da escravidão não foi acompanhada de políticas de inclusão social e econômica para os negros libertos. Sem acesso a direitos básicos, muitos negros foram forçados a viver em condições precárias, formando os primeiros núcleos de favelas nas grandes cidades. A urbanização acelerada e excludente do Brasil do final do século XIX e durante o século XX, em especial até os anos 1970, empurrou essa população para as periferias, onde viviam com o que tinham e construíram moradias improvisadas. Esses espaços, geralmente em áreas de risco, são altamente vulneráveis a desastres naturais, como enchentes e deslizamentos de terra.

A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. (KRENAK, 2019, p. 30)

Uma das faces do que aconteceu no Rio Grande Sul e que se mostra todos os dias por todo Brasil se chama Racismo Ambiental. Povos originários e

negros são, de forma sistemática, os mais impactados pela crise climática, enfrentando assim maiores desigualdades e injustiças ambientais.

Contudo, vale ressaltar que, ao abordar questões climáticas, não se pode limitar a análise aos problemas de outras regiões, negligenciando os desafios que ocorrem em nossa própria realidade local. O Terminal Ponta Negra, desenvolvido pela TDA Engenharia S.A. com o apoio da Prefeitura de Maricá, é justificado principalmente pela sua potencial geração de empregos na região, estimada em até 16 mil vagas, entre diretas e indiretas. Além do impacto no mercado de trabalho, o projeto promete aumentar de forma significativa a arrecadação municipal, sobretudo por meio do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS), que seria repassado ao município pelo governo estadual. Esses recursos adicionais, por sua vez, contribuiriam para o aprimoramento dos serviços públicos locais.

Entretanto, esses argumentos não parecem ter convencido grande parte da população, que se mobilizou contra a construção do porto. Organizações como a Associação de Moradores de Jaconé e o movimento 'SOS Jaconé – PORTO NÃO' destacam o grave risco ambiental que o projeto representa, com impactos diretos na destruição de ecossistemas e na redução da biodiversidade da região, causando danos como a morte de animais, desmatamento e poluição das águas.

Além disso, a praia de Jaconé abriga formações geológicas de arenitos de praia, rochas sedimentares cimentadas por carbonato de cálcio, que se dispõem paralelas à costa e foram mapeadas por Charles Darwin durante sua passagem por Maricá. O porto seria construído exatamente na área onde se encontram esses arenitos, levando à sua destruição.

Somado aos problemas ambientais, surgem também as questões sociais. O Terminal Ponta Negra pode agravar problemas já enfrentados pela população mais vulnerável de Maricá, como a falta de saneamento básico, transporte e abastecimento de água. Além disso, o projeto pode intensificar processos como a favelização e o aumento da prostituição na região.

A crise climática é também uma luta social e racial . Por isso é impossível falar sobre questões ambientais ignorando os contextos raciais e sociais em que esses problemas foram construídos.

### **3.2 Desequilíbrios mundo**

Dito isso, podemos nos debruçar no panorama das questões ambientais na atualidade. De acordo com Krenak a “Humanidade Bacana” é um clube seleta da sociedade que vive em uma abstração civilizatória completamente desconectada da Terra. Em uma entrevista para o jornal Estado de Minas, Krenak explica seu entendimento de humanidade:

Consolidaram esse pacote que é chamado de humanidade, que vai sendo descolada de uma maneira absoluta desse organismo que é a Terra, vivendo numa abstração civilizatória que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam ficar agarrados nessa terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. Esta é a sub-humanidade: caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes. Existe, então, uma humanidade que integra um clube seleta, vamos dizer, bacana. E tem uma camada mais rústica e orgânica, uma sub-humanidade, que fica agarrada na terra. Eu não me sinto parte dessa humanidade. Eu me sinto excluído dela. Por isso digo, no livro, que é um clube, seleta, que não aceita novos sócios. (KRENAK, 2020)

Nesse sentido, atualmente a Humanidade Bacana, aquela que acredita que povos originários são subdesenvolvidos, finalmente começou a voltar seus olhares para o que chama de “sustentabilidade”.

Em 1945, após a Segunda Guerra Mundial, a ONU (Organização das Nações Unidas) foi criada como uma tentativa de construir um ambiente para debater e solucionar questões que impactam o Mundo. Dessa forma, a ONU consiste em uma organização intergovernamental que apresenta como objetivos principais a manutenção da paz e a garantia da “segurança internacional”. Em 2000, a ONU desenvolveu os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), um conjunto de oito grandes objetivos como erradicar a fome e alcançar o ensino básico universal que deveriam ser alcançados até 2015. Os resultados foram variados: alguns panoramas evoluíram bastante e outros nem tanto. Nesse contexto, um Grupo de Trabalho Aberto, composto por

representantes de 70 países, foi criado para desenvolver uma proposta inicial dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que viriam a substituir os ODM e fazem parte da Agenda 2030 da ONU. Os ODS consistem em 17 objetivos e 169 metas que abrangem desde a erradicação da pobreza e da fome até a promoção da igualdade de gênero e o combate às mudanças climáticas. Esse grupo realizou 13 sessões ao longo de 2013 e 2014, discutindo temas como erradicação da pobreza, mudanças climáticas, paz e segurança, entre outros. Após longas negociações entre os países membros, foram apresentados os compromissos globais estabelecidos para enfrentar os principais desafios ambientais, sociais e econômicos mundiais, os ODS.



Fonte: Fundação 1 de Maio Acesso: <https://www.observatoriodasmetrolopes.net.br/nucleo-porto-alegre-analisa-os-impactos-das-enchentes-na-populacao-pobre-e-negra-do-rio-grande-do-sul/>

No entanto, no meu entendimento, é necessário pontuar que a própria ideia de Desenvolvimento Sustentável é um oxímoro, uma figura de linguagem que define aproximação de duas ideias impossíveis em uma mesma frase, isso porque a lógica capitalista em que vivemos e na qual foram concebidos os ODS é, por si só, insustentável. A natureza do capitalismo, que se baseia em um crescimento econômico contínuo e na maximização do lucro, entra em conflito direto com os princípios do desenvolvimento sustentável. O capitalismo é impulsionado por uma expansão infinita e pelo consumo exacerbado de recursos naturais, algo que é intrinsecamente inviável em um planeta com recursos finitos. Esse modelo econômico promove a exploração intensiva dos

recursos ambientais e humanos e a produção de resíduos em larga escala, fatores que geram uma degradação ambiental acelerada e que são, portanto, incompatíveis com os Objetivos estabelecidos pelos ODS. O capitalismo também tende a exacerbar desigualdades sociais e econômicas, uma vez que de acordo com dados do Relatório Oxfan 63% da riqueza do Brasil está na mão de 1% da população. Enquanto uma minoria acumula riqueza, muitos permanecem marginalizados e em condições de pobreza. Esse desequilíbrio dificulta a realização de um desenvolvimento verdadeiramente sustentável, que deve atender às necessidades de todas as pessoas e não apenas de uma parcela da população. A sustentabilidade exige justiça social e acesso equitativo aos recursos, algo que o capitalismo, com sua propensão a criar disparidades, não consegue garantir.

A própria ONU, novamente segundo minha visão, embora seja percebida como uma entidade imparcial, é permeada por essa lógica. As decisões tomadas dentro dessa organização muitas vezes refletem os interesses dos países mais poderosos economicamente, relegando as nações mais vulneráveis a um papel secundário. O Conselho de Segurança, com seus cinco membros permanentes com poder de veto, é um exemplo claro dessa dinâmica desigual, onde algumas nações têm mais influência do que outras.

Além disso, os recursos financeiros desempenham um papel significativo na influência das decisões da ONU. Países que contribuem com grandes quantias para o orçamento da organização muitas vezes têm mais peso em suas deliberações e a agenda de 2030 com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável foi construída a partir dessa lógica.

### **3.3 O Campo Cultural**

No campo cultural a lógica não é diferente. Grandes produtoras operam seguindo um sistema forjado há anos, perpetuando uma falsa ideia de salvar o planeta que contribui mais para seus bolsos do que para o meio ambiente. Em meio a esse cenário, muitas empresas adotam o ESG (Environmental, Social, and Governance) como uma forma de se posicionar perante o mercado e a sociedade. ESG é uma sigla que se refere à integração da geração de valor econômico com a preocupação pelas questões ambientais, sociais e de

governança corporativa por parte das empresas. A sigla representa os três pilares fundamentais: Ambiental (Environmental), Social (Social) e Governança (Governance), que servem como balizadores para atestar que a organização possui compreensão da influência que exerce no seu ecossistema de relacionamento. Além de avaliar o impacto positivo ou negativo que suas atividades podem ter, as práticas ESG também focam no valor compartilhado que a empresa pode gerar.

Contudo, a interferência do campo econômico no campo cultural muitas vezes torna medidas como a ESG e ODS vazias e superficiais. De acordo com o sociólogo Pierre Bourdieu (1996), os campos são espaços simbólicos onde os confrontos legitimam as representações, dentre eles temos o campo cultural e o campo econômico, que assim como os outros estão em constante relação de disputa. Vale ressaltar que o campo cultural possui suas próprias regras e não opera de forma monetária como o econômico. No campo cultural, o valor é simbólico e atribuído através da construção de reconhecimento de qualidade, dentro das métricas do próprio campo. Por outro lado, o campo cultural não é completamente independente, possuindo uma constante relação com o campo econômico, visto que estamos em uma sociedade capitalista. Ampliando essa discussão, trago as ideias da pesquisadora Chin Tao WU (2006) no livro “A absorção da cultura empresarial: instituições artísticas a partir da década de 1980”, que apesar de abordar outro contexto temporal e geográfico, por ser uma análise focada no Reino Unido e Estados Unidos nos anos 80, conversa com a realidade atual do Brasil. Chin Tao Wu promove uma análise a respeito do patronato artístico ressaltando que as Empresas utilizam a cultura como estratégia de marketing para melhorar sua imagem, demonstrar responsabilidade social e econômica e se atrelar a uma personalidade artística. É um ciclo, onde o capital econômico vira capital cultural e o mesmo se converte novamente em capital econômico. Ou seja: a empresa investe em cultura, melhora sua imagem e atinge novos públicos, aumentando seu potencial lucrativo.

[...] o patrocínio das artes é particularmente eficaz para companhias - como as de petróleo, de cigarro e de armas - cuja imagem necessite de uma boa burilada. Não é coincidência, portanto, que as companhias de petróleo, como a Exxon e a Mobil, forneçam as maiores quantias para as artes e a cultura nos Estados Unidos'. Da

mesma forma, na Grã-Bretanha, a British Petroleum (BP), completamente privatizada em 1987, é uma das maiores patrocinadoras de arte do país ao lado da British Telecom. (WU,2006, p. 152)

A sustentabilidade se tornou uma tendência nas últimas décadas após muito se falar sobre o “fim do mundo” e propagar a falsa noção de que pequenas atitudes no dia a dia são capazes de salvar o planeta. No entanto, essa noção ignora que os maiores impactos ambientais provêm das indústrias e do agronegócio, e não dos indivíduos. De acordo com um estudo realizado em 2019 pela Agência Nacional de Águas (ANA), quase 70% do consumo de água no Brasil é atribuído à irrigação de monoculturas, à criação de animais e às atividades industriais. Apesar disso, ainda prevalece a crença de que práticas individuais, como tomar banhos mais curtos e desligar a torneira enquanto escovamos os dentes, são a solução para a redução do desperdício de água. Sendo assim, muitas pessoas começaram a querer adquirir um modo de vida mais “sustentável”, dentro desse entendimento e as empresas se viram obrigadas a atender a nova exigência dos consumidores, com novos produtos ou propostas que vendessem esse ideal. Portanto, nesse contexto, cada vez mais as empresas aderem à políticas de “sustentabilidade” de maneira superficial, como estratégia de Marketing, nesse intuito de transmitir ao público uma imagem de empresa comprometida com o meio ambiente. Dessa forma, melhorando sua imagem e ganhando a confiança do público, consequentemente lucrando mais.

Um ótimo exemplo de utilização dessa estratégia é a Vale do Rio Doce, definida pela Universidade Autônoma de Barcelona como a mineradora com o maior número de conflitos socioambientais do mundo. A empresa é responsável pela Estrada de Ferro e Mineradora de Carajás. Ambas fazem parte do projeto Grande Carajás, iniciado na Ditadura Militar no governo João Figueiredo com o intuito de ocupar uma região vista pelos militares como um “vazio populacional”. Entretanto, a região é composta por territórios indígenas e quilombolas que tiveram suas terras invadidas, tendo ameaçadas suas formas tradicionais de viver. A construção e expansão da Estrada de Ferro e Mineradora de Carajás, que se estende desde a mina de Carajás no Pará até o porto de Ponta da Madeira no Maranhão, resultou em desmatamento ostensivo na Amazônia. A abertura de espaço para a ferrovia levou à remoção de vastas

áreas de vegetação nativa, contribuindo para a perda de biodiversidade e a fragmentação de habitats. A presença da ferrovia atua como uma barreira física que interrompe a movimentação natural de espécies, afetando negativamente a fauna local. Além disso, a exploração de minério contamina os corpos d'água com resíduos de mineração, afetando a qualidade da água e a saúde das comunidades locais, sendo motivo de constante conflito entre os mineradores e os povos indígenas e quilombolas que lutam por suas vidas e pelo direito à terra.

A Mineradora também foi responsável pela tragédia de Brumadinho, Minas Gerais, em janeiro de 2019, na qual a barragem da mina do Córrego do Feijão rompeu resultando na morte de 270 pessoas e causando grandes danos ambientais. Além disso, foi uma das responsáveis pela tragédia de Mariana, onde houve o colapso da barragem do Fundão, que liberou de imediato cerca de 40 milhões de metros cúbicos de rejeitos de minério e outros particulados, e mais 16 milhões que seguiram escoando lentamente. Esse material formou uma grande onda de rejeitos que atingiu a barragem de Santarém, localizada abaixo da barragem do Fundão. A força dessa onda erodiu parcialmente a parte superior da estrutura da barragem de Santarém e fez com que o dique se rompesse devido à adição de água e rejeitos acumulados. A avalanche de rejeitos percorreu 55 km pelo rio Gualaxo do Norte até alcançar o rio do Carmo, cobrindo várias localidades rurais e municípios mineiros como Barra Longa e Rio Doce de lama.

Esses foram apenas alguns exemplos de danos socioambientais irreparáveis causados pela Vale. A mesma empresa, entretanto, possui uma aba em seu site dedicada a explicar suas medidas de sustentabilidade ambiental na qual afirma ser uma empresa comprometida com um futuro mais sustentável. Além disso, a mineradora é uma grande investidora cultural através da Lei Rouanet. O patrocínio desses projetos serve como uma cortina de fumaça para esconder os danos causados por suas atividades.

Apesar de suas atividades continuarem impactando negativamente o meio ambiente e os povos originários, a empresa se apresenta nas redes sociais como uma defensora de um futuro sustentável e uma grande investidora cultural. A mineradora, por meio do “Instituto Cultural Vale”, mantém centros culturais e museus, atua na preservação de patrimônios imaterial e

material, e fomenta projetos de diversas expressões artísticas. Utilizando a Lei Rouanet, 219 projetos foram patrocinados nos últimos quatro anos. Além disso, em 2024, mais 160 projetos foram selecionados para ocupar os espaços culturais da Vale. No entanto, essa imagem cuidadosamente cultivada contrasta fortemente com a realidade de suas práticas, evidenciando que tais medidas servem apenas como uma cortina de fumaça para encobrir os danos sociais e ambientais causados pela atuação da empresa

Esse contraste é um exemplo claro do panorama apresentado anteriormente, no qual muitas empresas adotam políticas de sustentabilidade muito mais como uma estratégia de marketing do que como um verdadeiro compromisso com a mudança. Iniciativas de “sustentabilidade” e patrocínios culturais funcionam como uma fachada para desviar a atenção de seu histórico de danos ambientais e conflitos com comunidades locais. Assim, a superficialidade dessas medidas se torna evidente, mostrando que o verdadeiro foco é a manutenção de uma imagem positiva, em vez de uma mudança real em suas práticas e impacto ambiental.

Nesse contexto, resgato as ideias de Krenak, que trás o termo que definiria esse panorama como parte do “Mito da sustentabilidade”, definido pelo próprio como uma invenção das corporações para justificar os danos que causaram à natureza. Por isso, esse projeto se nega a seguir uma lógica de “desenvolvimento sustentável” e se propõe a caminhar em consonância com o que propõe Antônio Bispo, ao substituir o termo “Sustentabilidade” por “Biointeração”. Não apenas na gramática, como também no cerne de seu conteúdo.

Certa vez, fui questionado por um pesquisador de Cabo Verde: "Como podemos contracolonizar falando a língua do inimigo?". E respondi: "Vamos pegar as palavras do inimigo que estão potentes e vamos enfraquecê-las. E vamos pegar as nossas palavras que estão enfraquecidas e vamos potencializá-las. Por exemplo, se o inimigo adora dizer desenvolvimento, nós vamos dizer que o desenvolvimento desconecta, que o desenvolvimento é uma variante da cosmofofia. Vamos dizer que a cosmofofia é um vírus pandêmico e botar ferrar palavra desenvolvimento. Porque a palavra boa é envolvimento". Para enfraquecer o desenvolvimento sustentável, nós trouxemos a biointeração; para a coincidência, trouxemos a confluência; para o saber sintético, o saber orgânico; para o transporte, a transfluência; para o dinheiro (ou a troca), o compartilhamento; (BISPO, 2013, p.3)

Dessa forma, o projeto cultural proposto por este trabalho não se limita a uma iniciativa como a ESG, voltada apenas para a melhoria da imagem das empresas e a obtenção de patrocínios. Vale ressaltar, ainda, que o projeto não ignora o contexto econômico moldado pelo capitalismo e suas repercussões em todas as esferas, inclusive na cultural. Em vez disso, busca oferecer uma forma de resistência dinâmica ao propor novos caminhos para um futuro baseado no envolvimento biointerativo.

#### **4. Gestão Cultural Biointerativa**

Qualquer problema social é um problema cultural. Por isso, acreditamos que a indústria do entretenimento tem muito a refletir e a aprender com o movimento ambiental. Um bom exemplo é a relação com as cooperativas de reciclagem, que é extremamente superficial, criada para gerar números de resíduos encaminhados adequadamente e não para transformar a experiência de um evento de resíduo ou carbono zero em uma mudança significativa na vida das pessoas. É fazer tudo e, ao mesmo tempo, não fazer nada. (OLIVEIRA; MARIA, 2023, p. 1)

Todo problema ambiental é também um problema social e como foi dito por Marcele Oliveira e Taty Maria “Qualquer problema social é um problema cultural”. Sendo assim, um Gestor Cultural tem que ter consciência e responsabilidade ambiental para produzir grandes eventos. A crise climática é real e interfere diretamente na produção.

Um exemplo disso foi a edição de 2023 do Rep Festival, um evento de destaque na cena do rap brasileiro, com uma expectativa de público de 60 mil pessoas por dia, cerca de 85 mil ingressos vendidos e a participação de artistas como MC Cabelinho, Iza, Emicida e Matuê. O festival enfrentou momentos de caos devido a falhas na produção em diversos níveis, especialmente pela escolha inadequada do local, que não levou em consideração as condições climáticas que poderiam afetar a realização do evento. O festival alterou o local de realização apenas dez dias antes do evento, da Barra da Tijuca para Guaratiba, o que de imediato gerou diversas reclamações dos clientes, que já haviam se planejado e até alugado hospedagem contando com o local que havia sido divulgado há meses.

De acordo com o Jornal Globo, os organizadores do Rep Festival, intitulado maior evento de rap do Brasil, já sabiam que não teriam autorização do governo municipal para a realização dos shows no Parque Olímpico, na Barra da Tijuca, há mais de sete meses. A Prefeitura do Rio de Janeiro informou que recebeu o primeiro contato da produção solicitando o espaço em maio de 2022. O pedido foi negado cerca de um mês depois e novamente recusado em janeiro de 2023, quando os produtores fizeram um novo requerimento. Com a segunda recusa, a equipe deu entrada para que o evento acontecesse em Barra de Guaratiba, também na Zona Oeste da cidade, em 26 de janeiro, faltando menos de duas semanas para o primeiro dia de apresentações. O novo local em que seria realizado o evento é próximo a uma região de mangue e antes mesmo da chuva começar, o chão já estava repleto de lama. Cabe ressaltar que essa chuva foi alertada ostensivamente pelas previsões meteorológicas, à época. Obviamente, após o início da chuva, a lama só foi aumentando a ponto das pessoas assistirem shows com a água até o joelho e uma cobra ter sido encontrada em meio a lama e ao público que conseguiu comparecer.

Esse caso evidencia o quanto as medidas ambientais de um evento precisam ir além de iniciativas superficiais como a implementação de copos reutilizáveis durante o evento. É preciso pensar desde o solo e o clima até a conscientização do público.

Sobre o entendimento a respeito do papel de um gestor cultural, Víctor Vich (2015) ressalta que não se pode ser apenas um administrador, mas sim um agente de transformação social que utiliza a cultura como ferramenta para promover a mudança social, unindo um conjunto de identidades das quais destaque algumas. Primeiramente, o Gestor também deve cumprir o papel de etnólogo, pois deve buscar estudar para conhecer bem a população do local em que está inserido, bem como a construção social e a forma como a hegemonia funciona. Ou seja, o Gestor precisa conhecer a estrutura social em que está inserido.

Sendo assim, é vital que o gestor, inserido em um contexto brasileiro, compreenda as consequências do colonialismo que moldaram o país e suas implicações na relação com a natureza, incluindo o racismo ambiental e os

mitos da sustentabilidade. Nesse sentido, autores como Ailton Krenak e Nego Bispo oferecem perspectivas valiosas para entender essas questões complexas e suas interconexões.

O papel do gestor cultural, ainda sob a perspectiva de Vich, pode ser comparado ao de um militante político, cuja abordagem consiste em localizar pontos estratégicos e ganhar a aprovação da comunidade, gerando uma mobilização em prol de um objetivo em comum. Assim como um militante, o gestor cultural precisa localizar áreas-chave para implementar suas iniciativas e construir uma base sólida. Vale ressaltar que esse processo não se trata de algo efêmero e sim de um constante esforço para alcançar consecutivas vitórias e atingir novos patamares naquilo que se almeja. Um trabalho paciente e de comprometimento.

Por fim, destaco a identidade do Administrador, que apesar de não ser suficiente por si só, tem uma grande funcionalidade se aliada às demais identidades. Um Gestor Cultural deve ter expertise para resolver questões burocráticas, gerenciar recursos e planejar logísticas de forma estratégica. Essa não é uma função fácil e requer um trabalho constante de desenvolvimento e busca por mais conhecimento e novas experiências; mas não pode se limitar a isto.

Em suma, grandes mudanças no panorama cultural e ambiental não se constroem apenas com ações pontuais. É necessário pensar de forma estratégica a longo prazo, buscando mobilização junto ao território e persistindo nas etapas do processo. É através da implementação e promoção de políticas culturais e ambientais que se alcançam transformações duradouras. Assim, o gestor cultural deve ser um agente ativo na formulação e execução dessas políticas, estando sempre a par das principais problemáticas a serem enfrentadas na perspectiva ambiental e fazendo parte da busca por soluções.

## **5. Conclusão**

O projeto da Plataforma Digital de Gestão Cultural Biointerativa para Grandes Eventos é, portanto, uma resposta inovadora e necessária às complexas interseções entre desafios ambientais, desigualdades sociais e práticas culturais contemporâneas. Nesse contexto, a plataforma tem o potencial de se consolidar como uma grande aliada para gestores culturais,

integrando em um único espaço bases teóricas e bibliográficas, métodos de gestão, facilitadores, redes de contatos e fornecedores, além de informações detalhadas sobre políticas culturais e ambientais. Ao oferecer uma abordagem integrada e estratégica, a plataforma não apenas visa otimizar a gestão de grandes eventos, mas também promove uma conscientização ambiental e social mais profunda.

A análise crítica que permeou este trabalho revela a necessidade urgente de integrar uma perspectiva ambiental e social robusta na gestão de eventos, destacando a inadequação das abordagens tradicionais e a superficialidade das práticas de sustentabilidade atualmente em voga.

Os estudos sobre racismo ambiental e desigualdades sociais demonstram que os impactos de eventos climáticos extremos são desproporcionais e frequentemente ignoram as necessidades das populações mais vulneráveis. A crise climática não apenas revela a persistência de injustiças históricas, mas também sublinha a urgência de soluções que abordem essas desigualdades de forma abrangente e inclusiva. A Plataforma Digital de Gestão Cultural Biointerativa se posiciona como uma ferramenta essencial para superar essas limitações, oferecendo uma abordagem que vai além das práticas superficiais e incorpora uma visão crítica e estratégica das questões ambientais e sociais.

A crítica ao conceito de desenvolvimento sustentável, que frequentemente falha em desafiar as estruturas econômicas e sociais subjacentes que apresento neste trabalho, reforça a necessidade de um modelo que efetivamente alie responsabilidade ambiental a transformações sociais reais. O projeto da plataforma se alinha com essa necessidade ao promover práticas de gestão cultural que são sustentáveis de fato e que priorizam o engajamento comunitário e a conscientização ambiental de maneira genuína e prática.

Ademais, a experiência de eventos como o Rep Festival, que evidenciou falhas críticas na consideração das condições climáticas e na gestão ambiental, ilustra a importância de uma plataforma que possibilite uma gestão proativa e informada. A capacidade da **Plataforma Digital de Gestão Cultural Biointerativa** de integrar informações sobre o ambiente, mobilizar recursos e engajar o público demonstra um avanço significativo em relação às práticas

tradicionais, proporcionando uma base sólida para a realização de eventos que não apenas minimizam impactos negativos, mas também promovem uma transformação positiva.

Por fim, a plataforma se insere como uma proposta de valor que une as múltiplas identidades necessárias para uma gestão eficaz: a de um etnólogo, um militante social e um administrador estratégico. A combinação desses papéis permite que o gestor cultural não apenas compreenda as dinâmicas sociais e ambientais, mas também implemente políticas e práticas que refletem uma verdadeira transformação cultural e ambiental. Através da Plataforma Digital de Gestão Cultural Biointerativa, é possível realizar grandes eventos que sejam verdadeiramente sustentáveis, responsáveis e impactantes.

Em suma, a Plataforma Digital de Gestão Cultural Biointerativa para Grandes Eventos representa uma inovação crucial na abordagem de desafios contemporâneos. Sua implementação não apenas responde às necessidades atuais de uma gestão cultural consciente, mas também estabelece um novo padrão para a realização de eventos que respeitam e promovem a justiça social e ambiental. Ao adotar uma visão estratégica e holística, a plataforma se posiciona como uma ferramenta indispensável para a construção de um futuro mais sustentável e justo.

## Referências:

ABNT. NBR ISO 20121:2013. *Sistemas de gestão para sustentabilidade de eventos - Requisitos com orientações para uso*. Rio de Janeiro, 2013.

BISPO, Antonio. *A terra é que dá, a terra é que quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

BELMONT, Mariana. *Racismo Ambiental e emergências climáticas no Brasil*. São Paulo: Oralituras, 2023.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: Gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOECHAT, Isa. *Eventos e sustentabilidade Guia Prático*.

cultura.rj.gov.br/desenvolve-cultura/inscricao/retomadacultural2/financeiro.php?id=26686

COELHO, Aline. *Projeto Grandes Carajás*. Niterói, 2015.

CARBONARI, Paulo César. *Clima: Por que apostar nos saberes ancestrais*. *Outras Palavras*, 2024. Disponível em: <https://outraspalavras.net/terraeantropoceno/clima-por-que-apostar-nos-saberes-ancestrais/>.

G1. Rep Festival: evento cancelado por chuva no Rio teve cobra perto do público, sapo e muita lama. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/02/13/rep-festival-evento-cancelado-por-chuva-no-rio-teve-cobra-perto-do-publico-sapo-e-muita-lama.ghtml>.

G1. *Um mês de enchentes no RS: veja cronologia do desastre.* 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/29/um-mes-de-enchentes-no-rs-veja-cronologia-do-desastre.ghtml>.

G1. *Rock in Rio gerou impacto de R\$ 1,7 bilhão para a cidade.* 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/rock-in-rio/2022/noticia/2022/09/12/rock-in-rio-gerou-impacto-de-r-17-bilhao-para-a-cidade.ghtml>.

G1. *Mais de 2,1 milhões de pessoas foram afetadas pelo temporal no RS; 618 mil estão fora de casa.* 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/11/mais-de-21-milhoes-de-pessoas-foram-afetadas-pelo-temporal-no-rs-618-mil-estao-fora-de-casa.ghtml>.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MAPA DE CONFLITOS. PA – *Perversidades sociais e ambientais no caminho da Estrada de Ferro Carajás. Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil,* 2024. Disponível em: <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/pa-perversidades-sociais-e-ambientais-no-caminho-da-estrada-de-ferro-carajas/>.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. *O desastre. Caso Samarco.* 2015 Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/grandes-casos/caso-samarco/o-desastre>.

MAPA DE CONFLITOS. PA – *Perversidades sociais e ambientais no caminho da Estrada de Ferro Carajás. Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil,* 2024.

OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES. *Núcleo Porto Alegre analisa os impactos das enchentes na população pobre e negra do Rio Grande do Sul. Observatório das Metrópoles, 2024.* Disponível em: <https://www.observatoriodasmetrosoles.net.br/nucleo-porto-alegre-analis-a-os-impactos-das-enchentes-na-populacao-pobre-e-negra-do-rio-grande-do-sul/>.

OLIVEIRA, Marcele Maria. *Ocupação Parquinho Verde: a cultura como aliada no enfrentamento às consequências das mudanças climáticas nas periferias.* Niterói, 2023.

OLIVEIRA, Marcele; MARIA, Taty. *O tempo do amanhã é agora – práticas culturais no enfrentamento à crise climática.* Casa Fluminense, 2023. Disponível em: <https://casafluminense.org.br/o-tempo-do-amanha-e-agora-praticas-culturais-no-enfrentamento-a-crise-climatica/>.

STROPASOLAS, Pedro. *Vale se beneficiou de violações contra povo indígena Gavião pela ditadura para construção da Estrada de Ferro Carajás.* Brasil de Fato, 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/05/06/vale-se-beneficiou-de-violacaoe>

UNESCO. *Educação para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: Objetivo de Aprendizagem.* 2017

VICH, Víctor. *O que é um gestor cultural.* Lima: Universidad Católica del Perú, 2015.

VICH, Víctor. *Desculturalizar a cultura: Desafios atuais das políticas culturais.* Niterói, 2015.

WU, Chin-Tao. *A absorção da cultura empresarial: instituições artísticas a partir da década de 1980.* São Paulo, 2006.

## O PROJETO

- **Apresentação**

O projeto consiste na criação de uma plataforma digital, voltada para a promoção de uma gestão cultural biointerativa, ideia proposta por António Bispo para substituir o termo “sustentabilidade” e toda a construção colonial que o acompanha . Essa ferramenta visa capacitar produtores e produtoras culturais como agentes ativos na luta contra as mudanças climáticas. O aplicativo será estruturado em cinco frentes principais.

A primeira frente, chamada "Raízes", apresenta a origem do projeto, fornecendo a base teórica e bibliográfica que sustenta as iniciativas. Aqui, os usuários encontrarão referências e leituras para entender melhor o contexto e os fundamentos do projeto.

A segunda frente, "Métodos de Gestão e Facilitadores", oferece uma abordagem didática e prática, detalhando os caminhos para uma gestão eficiente. Serão explicadas as etapas de identificação de problemas, análise coletiva, estudo de causas e efeitos, soluções específicas, aplicação e avaliação de resultados. Além disso, estarão disponíveis modelos de planilhas, cronogramas e templates para facilitar a organização e o planejamento.

A terceira frente consiste em uma ampla "Rede de Contatos", conectando coletivos, projetos, iniciativas, empresas e trabalhadores independentes envolvidos em causas ambientalistas. Qualquer pessoa poderá se cadastrar, contribuindo para um banco de dados em constante expansão. Os usuários poderão realizar buscas por palavras-chave para encontrar contatos e recursos relevantes.

A quarta frente, "Problemas e Soluções", apresentará questões comuns em eventos culturais, como a geração de lixo, e possíveis soluções. Serão abordados pontos principais a serem trabalhados, como transparência, educação ambiental e políticas públicas. Por exemplo, para grandes eventos, um problema comum é o lixo. Além de informar que o evento possui o selo de

"carbono zero", a plataforma incentivará a exibição transparente de como os resíduos são descartados e quem realiza esse processo.

Por fim, a quinta frente foca na "Informação e Ativismo". Um dos papéis mais importantes de um gestor cultural é atuar politicamente para promover mudanças significativas. Por isso, o aplicativo incluirá uma aba dedicada a notícias, projetos de lei, movimentos de ativismo ambiental e negociações pelo clima. O objetivo é incentivar os produtores culturais a se engajarem ativamente nas questões políticas e ambientais atuais.

## **Objetivos**

- **Objetivo Geral**

Ampliar o acesso ao conhecimento sobre Biointeração no meio cultural.

- **Objetivo Específico**

Desenvolver um aplicativo que sirva como ferramenta de gestão para fazedoras e fazedoras de cultura com foco na Biointeratividade.

- **Justificativa**

A gestão de projetos culturais desempenha um papel crucial nesse contexto, assumindo a responsabilidade pelos impactos gerados e desenvolvendo estratégias para maximizar os aspectos positivos enquanto minimiza os negativos. Produtores culturais precisam sim se responsabilizar pelo planeta. Desde pensar no descarte de resíduos até a climatização do evento, o produtor precisa entender o contexto climático e ambiental atual por ser um agente ativo nesse panorama. Eventos não são apenas sobre entretenimento; uma grande

produção tem o poder de juntar milhares de pessoas e fazer com que elas saiam do evento um pouco diferentes de como entraram. Mas, para que isso aconteça, é necessário primeiro instruir os fazedores e fazedoras de cultura.

Existe um documento desenvolvido pensando em alcançar a sustentabilidade em eventos culturais: a norma ISO 20121 estabelece diretrizes para a gestão de um evento sustentável. No entanto, ela é escrita de forma complexa e pouco didática, além de ser pouco disseminada, tornando-se pouco acessível.

Este projeto de plataforma digital se faz importante, pois visa preencher uma lacuna existente, uma vez que tem como objetivo ser um veículo de educação prática, instruindo gestores para uma melhor administração cultural biointerativa. Apesar de visar uma abordagem simples, o projeto entende a Biointeratividade com todas as suas complexidades e relações com questões econômicas e sociais. A plataforma pretende desconstruir o “mito da sustentabilidade”, abordando as raízes de tais saberes e entendendo sua relação com o âmbito social e econômico.

Optar por uma plataforma digital, em vez de uma cartilha, permite ampliar as possibilidades de alcance e impacto. Uma plataforma digital pode ser constantemente atualizada com as mais recentes informações, algo que uma cartilha não consegue acompanhar com a mesma rapidez e eficiência. Além disso, uma plataforma digital possibilita a criação de uma rede de contatos entre produtores culturais, fornecedores, e movimentos ambientalistas permitindo a troca de experiências e a formação de uma comunidade ativa e engajada na luta contra as mudanças climáticas. A interatividade e a capacidade de integrar diversos recursos multimídia fazem da plataforma uma ferramenta dinâmica e adaptável, condizente às necessidades dos fazedores e fazedoras de cultura da atualidade.

- **Acessibilidade**

O projeto prevê algumas medidas a serem implementadas para tornar a plataforma mais acessível. A primeira delas é a contratação de uma profissional especializada em acessibilidade digital para auxiliar no



	plataforma									
5	Desenvolvimento do Designer									
6	Desenvolvimento do aplicativo									
7	Testes de implementação									
8	Desenvolvimento da estratégia de divulgação									
9	Divulgação									
10	Organização do lançamento									
11	Lançamento									
12	Avaliação dos resultados iniciais									
13	Prestação de Contas									

- **Orçamento**

Plataforma de Gestão Biointerativa					
EQUIPE					
Item	Quantidade	Unidade	Ocorrência	Valor unitário	Valor total
Gestão de projeto	1	mês	9	R\$ 5.000,00	R\$ 45.000,00
Web designer	1	mês	5	R\$ 3.500,00	R\$ 17.500,00
Programador	1	mês	5	R\$ 4.670,00	R\$ 23.350,00
Designer Gráfico	1	mês	5	R\$ 3.500,00	R\$ 17.500,00
Arquiteto de Software	1	mês	2	R\$ 6.000,00	R\$ 12.000,00
Analista de banco de dados	1	mês	2	R\$ 3.800,00	R\$ 7.600,00
Analista de testes	1	mês	2	R\$ 3.000,00	R\$ 6.000,00
Consultor de Acessibilidade	1	serviço	1	R\$ 3.650,00	R\$ 3.650,00

Social mídia	1	mês	2	R\$ 2.500,00	R\$ 5.000,00
Assessoria de comunicação	1	mês	2	R\$ 2.800,00	R\$ 5.600,00
Assessoria contábil	1	serviço	1	R\$ 1.500,00	R\$ 1.500,00
Assessoria jurídica	1	serviço	1	R\$ 3.900,00	R\$ 3.900,00
<b>TOTAL MENSAL</b>					<b>R\$ 148.600,00</b>

--	--	--	--	--	--

<b>Comunicação</b>					
--------------------	--	--	--	--	--

Item	Quantidade	Unidade	Ocorrência	Valor unitário	Valor total
Impulsionamento de posts	4	compra	1	R\$ 200,00	R\$ 800,00
Anúncio em canais próprios ou circuitos fechados	3	semanal	1	R\$ 230,00	R\$ 690,00
Evento de lançamento	1	verba	1	R\$ 5.000,00	R\$ 5.000,00
Preskt para influenciadores	1	verba	1	R\$ 3.500,00	R\$ 3.500,00
Anúncio em sites	2	diaria	30	R\$ 25,00	R\$ 1.500,00
					<b>R\$ 11.490,00</b>

--	--	--	--	--	--

<b>Estrutura</b>					
------------------	--	--	--	--	--

Item	Quantidade	Unidade	Ocorrência	Valor unitário	Valor total
Domínio de Plataformas digitais	1	verba	1	R\$ 1.700,00	R\$ 1.700,00
					R\$ 0,00
<b>TOTAL</b>					<b>R\$ 1.700,00</b>

--	--	--	--	--	--

<b>TOTAL PREVISTO COM TAXAS</b>					<b>R\$ 161.790,00</b>
---------------------------------	--	--	--	--	-----------------------